



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE	8.1.80	DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA		TARDE	
DIÁRIO			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

A outra face da Lua



Maria Belo

Se Sá Carneiro, no seu «complet» e gravata escura, incarnava, quinta-feira, a mudança prometida (mudança de contornos tão indefinidos ainda, que a curiosidade é muita), Maria de Lurdes Pintasilgo, no seu vestido roxo, lembrava que foi para todos, admiradores ou adversários, a encarnação da diferença. Curiosamente, são aqueles a que essa diferença, mais incomodou, os que nos prometem hoje, a mudança.

A primeira mudança e, a manter-se, talvez a mais radical, é o próprio Sá Carneiro. Especialista — e bom — no modo como utiliza o aparecer e o desaparecer, jogando talvez inconscientemente com a angústia infantil do «aquilá» (1) tão viva nos homens portugueses, e criando assim um clima suspenso à sua volta, Sá Carneiro continua a tocar esta tecla mas desta vez com gestos de quem pensa, de quem sabe o que está a fazer, de quem fareja, de quem joga tudo no controlo dos seus impulsos.

Ausente desde o dia dois de Dezembro da pe-

quena pantalha e das tomadas de posição públicas, reapareceu para a tomada de posse da chefia do V Governo. Já não como dantes reaparecia, exclamativo, intempestuoso, surpreendente. Desta vez é um Sá Carneiro que tem finalmente nas mãos o pássaro que desejava. Mas a quem saiu na rifa um pássaro selvagem, difícil de domesticar de tal modo está suspenso de outros que ele não controla (CDS, PPM, Refomadores) e que lida com ele segura-o, fala-lhe com o cuidado de um verdadeiro domesticador, decidido a ser ele quem controla o comportamento do bicho. Sá Carneiro percebe, e a tempo, que, mais difícil do que governar o País, será governar a «Aliança». Não porque haja perigo de ela estoirar antes de 1980. Mas porque só é possível governar o País com um mínimo de imagem positiva se a «Aliança» for governável por Sá Carneiro.

Há que reconhecer que, hoje, é uma face diferente a sua lua aquela que Sá Carneiro nos mostra: quieto, mais formal, dizendo um discurso previamente escrito, declarando as suas intenções de falar o menos possível, de mexer o menos possível, de se meter o menos possível em situações informais, para governar o mais possível. Não que sejam actividades contraditórias em si e Maria de Lurdes Pintasilgo bem o provou. Mas são no para alguém como Sá Carneiro, cujo incosciente estremeceu e à flor da pele, não perde uma aberta para se manifestar. Aliás

essas intenções foram agora concretizadas ao manter-se fiel à sua decisão de governar no gabinete, contra todas as tentações de ir junto das populações sinistradas dos Açores, — a ocasião era de ouro — e enviando um dos seus dois «anjos da guarda», Pinto Balsemão, não como visitante demagogo, mas como ministro assessor para tratar o futuro do que o governo pode e deve fazer no concreto.

De passagem, falámos de dois «anjos da guarda». Trata-se de Francisco Pinto Balsemão e de Vasco Pulido Valente. De facto, parece evidente que esta tentativa de Sá Carneiro de nos mostrar a outra face da sua lua (diferente da que apontava quando era oposição) só lhe é possível na medida em que se sente seguro, aconselhado, acompanhado por aqueles seus dois assessores: o primeiro que é um exemplo conseguido do recalamento bem socializado, servindo assim de «ideal do eu» para o Primeiro-Ministro; o segundo que, na sua exuberância juvenil, lhe permitirá não renegar o seu lado impulsivo, inquieto e mais humano, falar dele cumpridamente, mantendo-se no entanto escondido de todos (2).

E, para já, esta é a única mudança visível. Um Sá Carneiro novo, para uma nova governação. Que dependerá totalmente da capacidade de equipa dos três — (Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão e Pulido Valente) — porque, ao primeiro rebate de solidão ou de isolamento



Ele incarna a «mudança» prometida

que Sá Carneiro ressinta, toda a construção pode abater e o pássaro voltar aos seus hábitos selvagens.

Mas claro que estes aspectos, a nosso ver curiosos e merecedores da melhor atenção, não chegam para governar. Eles não são senão o enquadramento instrumental, a macleira, o pano de fundo sobre o qual será possível bordar actos de governo. Não chega que Sá Carneiro queira e tenha encontrado os seus meios. Neste campo aliás, resta ainda conseguir de facto domesticar

o pássaro que á a «Aliança». O CDS e seus dirigentes estão longe de entender este tipo de sutilezas e gostam de fazer de rinocerontes na cristaleira. Para eles o poder é a autocracia, é bater com o pé, é autoritarismo gratuito. Para Sá Carneiro, e provavelmente só para ele, é antes um jogo subtil, é a capacidade, não de ter poder, mas de, a pouco e pouco, sê-lo, exercê-lo sem que se sinta. Saber mexer com as suas regras, leis, conflitos e tornar inevitável que as coisas aconteçam. É afinal, redescobrir-se a si e ao mundo.

O jogo é apaixonante. Vale a pena segui-lo na sua evolução. Mas vale também a pena atentar no que ele tem a ver com a governação. Porque a questão é essa: governar não é sobretudo um acto lúdico ou de conhecimento e de reconhecimento. Governar é permitir a um povo, não que seja co-baia, mas que cresça, que aprenda, que se organize, que pense e que exista como comunidade. E nesse aspecto estamos bem longe do tempo de um Mário Soares para quem o poder é apenas o meio e a responsabilidade de governar o país a caminho da justiça social. O que nesse tempo se provou não ser fácil, num país em que os homens ficaram quase todos pequeninos.

(1) O «aquilá» é uma expressão que Freud aplicou ao jogo infantil do bebé em que este se diverte horas seguidas a fazer desaparecer e reaparecer um objecto. Com este jogo, segundo Freud, o bebé procura assumir e entender o desaparecimento da mãe quando ela sai do quarto. A pouca experiência de vida da criança não lhe permite apreender o significado objectivo desse desaparecimento e a criança fantasia à sua volta toda a espécie de angústia de abandono e morte.
(2) A estes dois talvez se deva juntar um terceiro: Carlos Macedo, o tecnocrata, de sensibilidade social-democrata, que será, mais do que «anjo da guarda», o verdadeiro assessor político. Mas cuja impaciência contida é tão grande como a de Sá Carneiro.